

UM CORPO DE SABER-PODER: ELEMENTOS DE UMA ANÁLISE ARQUEGENEALÓGICA DE DISCURSOS

Pedro Navarro

Universidade Estadual de Maringá
CNPq

Resumo: Neste texto, é feita uma reflexão sobre a relação entre discurso, poder e corpo, com base nos estudos da fase genealógica de Michel Foucault e tomando como material de análise duas capas de revistas impressas. O objeto teórico de análise recai sobre a subjetivação do sujeito contemporâneo, a qual se manifesta em discursos sobre o corpo moldado pelo saber científico. Em um primeiro momento, sigo algumas pegadas de Foucault, na tentativa de compreender sujeito e corpo como objetos constituídos no interior de técnicas disciplinares e de controle. Logo após, apóio-me em análises realizadas por Lachi (2010), em sua pesquisa de Mestrado, para descrever o “como do poder”, isto é, o modo como um poder micro põe em circulação um determinado tipo de corpo, esquadrihado e disciplinado mediante dispositivos que conjugam saber e poder.

Palavras-chave: Discurso, saber, poder, corpo, mídia.

Abstract: Knowledge and power body: discourse and social media. The relationship between discourse, power and body foregrounded on analyses of Michel Foucault’s genealogical phase is provided, with two magazine covers as material for analysis. The analysis’s theoretical object, manifested in discourses on the body molded by scientific knowledge, is based on the subjectivization of the contemporary agent. Foucault’s steps are retaken to understand the subject and the body as objects built within disciplinary techniques and control. Further, based on analyses by Lachi (2010) in his Master’s research, ‘the manner of power’ is described, or rather, how micro power puts into circulation a certain type of body, quartered and disciplined through knowledge-power devices.

Keywords: Discourde, knowledge, power, body, media.

Em “Diálogo sobre o Poder”, Foucault (2006, p.253), ao responder a pergunta de um estudante, sobre a “relação que o senhor estabelece entre discurso e poder”, afirma que não procura encontrar, por trás do discurso, o poder, mas parte do discurso para verificar o papel que ele desempenha no interior de um sistema estratégico, em que o poder se

encontra implicado. Inspirado nessa resposta, e tomando como mote parte de uma pesquisa mais abrangente, realizada por Lachi (2010)¹,

¹ Refiro-me à pesquisa de mestrado de Poliana da Silva Lachi, orientada por mim, entre os anos de 2009 e 2010. O estudo pode ser lido na íntegra pela página eletrônica do programa de pós: <http://www.dle.uem.br/>.

discuto a relação entre discurso, mídia e corpo, partindo da premissa de que o discurso midiático é um dos elementos de um dispositivo que se projeta sobre o corpo, mas não sobre qualquer corpo. Trata-se de um tipo ideal de corpo moldado pelo saber científico.

Defendo, aqui, fundamentado ainda no referido texto de Foucault, que o discurso midiático sobre o corpo, em especial, o que se materializa nos enunciados analisados, corresponde a uma série de elementos que operam no interior do mecanismo geral do poder, poder esse que toma o corpo como uma superfície de emergência e de convergência de técnicas disciplinadoras. Ao se manifestar dessa forma nos enunciados midiáticos, o poder lança luz sobre o corpo moldado pela ciência, ao mesmo tempo em que obscurece (silencia) outros corpos, por corolário, outras formas de identidade.

Aspectos da genealogia do poder: sujeito e corpo produzidos no interior de micropoderes

Nesta seção, faço uma breve retomada das reflexões de Foucault sobre poder, orientada pelas seguintes inquietações: quais são as relações de saber- poder que constituem o sujeito? Como o corpo é produzido? Como sujeito e corpo são subjetivados nos diferentes campos dos saberes modernos?

Foucault (1995) argumenta a favor de uma teoria do poder, por considerar que o estudo das relações de poder é uma forma de observar o modo como o poder se enraíza no conjunto da rede social, agindo sobre a vida cotidiana imediata. O poder classifica os indivíduos em categorias, designa-os pela sua individualidade própria, liga-os a sua identidade, impõe-lhes uma lei de verdade que é necessário reconhecer e que os outros devem reconhecer neles, transforma os indivíduos em sujeitos, ou seja, sujeito submetido a outro pelo controle e dependência e sujeito ligado a sua própria identidade pela consciência ou pelo conhecimento de si. O ponto de partida para analisar as relações de poder são as

resistências aos diferentes tipos de poder, as quais permitem colocar em evidência as relações de poder. Entre as diferentes e diversas formas de resistência, estão a resistência ao poder dos homens sobre as mulheres, ao poder dos pais sobre os filhos, ao poder dos professores sobre seus alunos, ao poder de determinados governos sobre os indivíduos e ao poder da mídia sobre as identidades.

Na chamada fase genealógica, é possível observar que a subjetividade é refletida em relação às práticas disciplinares e de controle que tomam o corpo como objeto de saber-poder. Foucault, ao discorrer sobre o poder, reafirma seu caráter produtivo, que se exerce por meio de práticas sociais constituídas historicamente. Em vista disso, o corpo é objeto de análise em relação ao poder. Como afirma o autor,

se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalçamento, à maneira de um grande super-ego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos a nível do desejo – como se começa a conhecer – e também a nível do saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz (FOUCAULT, 2007, p. 148).

Questionado sobre o sistema político descrito em *Vigiar e Punir*, Foucault (2007) pondera que o corpo, em determinados momentos e sociedades, tem um poder real e essencial: “Numa sociedade como a do século XVII, o corpo do rei não era uma metáfora, mas uma realidade política: sua presença física era necessária ao funcionamento da monarquia” (p. 145), ou seja, o corpo, físico e presente, era um dos mecanismos pelos quais o poder se exercia e, conseqüentemente, produzia saberes.

Por outro lado, em relação à república “uma e indivisível”, o corpo já não funciona como o corpo do rei na monarquia, pois “não há um corpo da República. Em compensação, é o corpo da sociedade que se torna, no decorrer do século XIX, o novo princípio” (FOUCAULT, 2007, p. 145). De acordo com o autor, não há vontades tidas como

universais que constituem os corpos da sociedade, “não é o consenso que faz surgir um corpo social, mas a materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo dos indivíduos” (p. 146).

Por esse viés, o poder domina o corpo e produz saberes, logo, produz corpos. Assim, a consciência do próprio corpo só existe pelo poder que o domina, por exemplo, pela ginástica, pelos exercícios, pela dietética entre outras técnicas. Porém, o corpo também se volta contra o poder, que é atacado por ele, ao priorizar determinados aspectos sobre outros: a “reivindicação de seu próprio corpo contra o poder, a saúde contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor” (FOUCAULT, 2007, p. 146).

No decorrer de suas reflexões, Foucault discute o exercício dos micropoderes no nível cotidiano e na sua relação com os aparelhos de Estado. O autor não desconsidera a importância dos aparelhos de Estado, entretanto, defende que, entre todas as condições que se deve reunir para que o processo revolucionário não seja interrompido, “uma das primeiras coisas a compreender é que o poder não está localizado no aparelho de Estado e que nada mudará na sociedade se os mecanismos de poder que funcionam fora, abaixo, ao lado dos aparelhos de Estado a um nível mais elementar, cotidiano, não forem modificados” (FOUCAULT, 2007, p. 149-150).

Com base na teoria do poder, desenvolvida por Foucault, Deleuze (1990) define dispositivo como uma espécie de novo composto por linhas de naturezas diferentes, que não abarcam nem delimitam sistemas homogêneos, por sua própria conta (o objeto, o sujeito, a linguagem), mas seguem direções diferentes, formam processos sempre em desequilíbrio, que tanto se aproximam quanto se afastam uns dos outros. Destaca esse autor que as primeiras duas dimensões de um dispositivo – e as duas que interessam diretamente neste artigo – são as curvas de visibilidade e as curvas de enunciação. À feição das máquinas de Raymond Roussel, tais dispositivos são como máquinas de fazer ver e de fazer falar, constituindo-se em:

- linhas de visibilidade, em que os dispositivos são máquinas de fazer ver; assim é o dispositivo da prisão: uma máquina ótica para ver sem ser visto; e

- linhas de enunciação, em que os dispositivos são máquinas de fazer falar, por exemplo, uma ciência, em determinado momento, um gênero literário, um estado de direito ou um movimento social definem-se, precisamente, pelos regimes de enunciações.

Como sentencia Deleuze, pertencemos a determinados dispositivos e neles agimos.

A análise dos dispositivos de poder da ordem do enunciável aponta para a rejeição, em Foucault, de uma concepção idealista de sujeito, isto é, um sujeito livre, que exprimiria um sentido preexistente, refletido pela linguagem. Em face do feixe de relações empregado pelo discurso, as modalidades enunciativas não são oriundas de um único sujeito, considerado como instância única de enunciação; pelo contrário, ao invés de remeterem à síntese ou à função unificadora da subjetividade, essas modalidades manifestam sua dispersão (FOUCAULT, 1972).

Se os dispositivos são da ordem do enunciável, ou seja, atuam sobre a produção discursiva, funcionando como uma espécie de patrulha discursiva que incide diretamente sobre quem fala, sobre determinado conteúdo e sobre a forma e o lugar onde se pode falar, são também da ordem do visível, na medida em que vigiam e punem os corpos rebeldes. Essa é a análise que Foucault (2007) desenvolve em *Vigiar e Punir*, texto no qual descreve os efeitos do modelo disciplinar, representado pela figura arquitetural da disciplina por excelência, o panóptico, que funciona como uma espécie de máquina criada para manter, em vigilância, as pessoas que, por algum motivo, infringiram as leis ou possuem alguma patologia. A escola, a prisão e os hospitais podem ser mencionados como instituições que se valem desse dispositivo como forma de controlar os sujeitos.

Foucault empenha-se em mostrar que as práticas disciplinares próprias da prisão têm um alcance que vai muito além de seus muros, ao constituir uma tecnologia de poder que, partindo das práticas prisionais, espalha-se por toda a sociedade, em instituições como fábricas, hospitais, escolas etc., acabando

mesmo por desenhar uma “sociedade disciplinar”, ou seja, uma sociedade permeada por uma rede de instituições e de práticas de poder disciplinares.

Em outro estudo importante, Foucault (1998) mostra que os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Eles funcionam, antes, como uma rede de dispositivos ou de mecanismos à qual nada ou ninguém escapa. Dito de outro modo, para o autor, o poder não existe, mas, sim, práticas ou relações de poder, o que significa compreender que o poder é algo que se exerce, efetua-se e funciona discursivamente. O poder deve ser pensado como algo que produz o real, os domínios de objetos e rituais de verdade. Saberes como os da biomedicina, da engenharia genética e de outros campos do desenvolvimento científico auxiliam na cura de doenças, por exemplo, e isso atesta a positividade do poder. Tal poder atua sobre o corpo, por isso é um biopoder.

Ao estudar o nascimento da biopolítica, Foucault (2008) mostra que os séculos XVII e XVIII viram o nascer de técnicas de poder essencialmente centradas no corpo individual, por meio de procedimentos pelos quais tanto se assegurava a distribuição espacial dos corpos individuais quanto se aumentava a força útil desses corpos, com a aplicação de exercícios físicos e de treinamento. Já no final do século XVIII, surge uma nova técnica de poder, que não mais visa ao homem-corpo, mas ao homem vivo, ao homem-espécie. É o nascimento de um biopoder que tratará da população como um problema político, biológico, enfim, como um problema de exercício do poder sobre a vida. Para que esse poder faça viver, é preciso levar em conta a vida, os processos biológicos do homem-espécie e assegurar sobre tais processos uma regulamentação. Em vista disso, a ritualização pública da morte desaparece. A morte torna-se algo que se esconde, uma vez que o poder passa a ter domínio não mais sobre a morte, mas sobre a mortalidade.

A medicina surge como um saber-poder que incide ao mesmo tempo sobre o corpo e sobre a população, sobre o organismo e sobre os processos biológicos, e isso vai assegurar a esse domínio científico efeitos disciplinares e regulamentadores. Foucault segue analisando

esses efeitos, ao afirmar que o elemento que circula entre o disciplinar e o regulamentador é a norma, uma vez que ela passa a ser aplicada tanto a um corpo que se quer disciplinar quanto a uma população que se quer regulamentar.

Poder disciplinar e corpo

Se o poder atua em todas as esferas sociais, produz indivíduos e afeta a sua vida cotidiana, não é de se espantar que ele atinja também a forma mais concreta do homem: o seu corpo (MACHADO, 2008). Para Foucault, a consciência do indivíduo sobre o próprio corpo só se deu devido a um investimento do corpo pelo poder (FOUCAULT, 1998, p. 149): “é a partir de um poder sobre o corpo que foi possível um saber fisiológico, orgânico”. O corpo, na acepção foucaultiana, é um corpo mergulhado no campo político, por isso, a existência de um “conjunto de elementos materiais e das técnicas que servem de armas, de reforço, de vias de comunicação e de pontos de apoio para as relações de poder e saber que investem os corpos humanos e os submetem, tornando-os objetos de saberes” (FOUCAULT, 2007 p. 27). Sobre esse corpo, incidem as relações de poder, que o investem e o marcam, sujeitam-no, havendo sempre uma ligação entre o corpo político e a sua utilidade econômica, ele é uma força de produção que é investido de poder e saber (FOUCAULT, 2007).

As disciplinas se caracterizam como técnicas que permitem a distribuição dos indivíduos por meio da individualização, classificação e combinação de seus corpos, trabalhando assim como um tipo de organização do espaço. Ela permite também o controle do tempo e a sujeição do corpo ao tempo para que haja produção com eficiência (FOUCAULT, 1998).

De acordo com Revel (2005, p. 35), as disciplinas são “técnicas de coerção que exercem um esquadramento sistemático do tempo, do espaço e do movimento dos indivíduos e que atingem particularmente as atividades, os gestos, os corpos”. Se, por um lado, elas possibilitam que o corpo seja o mais

útil possível, potencializando-o, por outro, também diminuem as suas forças, na medida em que o torna submisso e obediente. Ele é individualizado por seu posicionamento, sua localização, sua distribuição, e hierarquizado. Uma disciplina organiza a sua multiplicidade, impõe uma ordem, ajusta o corpo não só no espaço, mas também no tempo, permite o bom emprego do corpo: “um corpo disciplinado é a base de um geste eficiente” (FOUCAULT, 2007, p. 130). Assim,

sobre toda a superfície de contato entre o corpo e o objeto que o manipula, o poder vem se introduzir, amarra-os um ao outro. Constitui um complexo corpo-arma, corpo-instrumento, corpo-máquina (FOUCAULT, 2007, p. 130).

A disciplina constrói-se no corpo a partir de táticas, produzindo quatro tipos diferentes de individualidades (ou ainda uma individualidade dotada de quatro características distintas): “é celular (pelo jogo da repartição espacial), é orgânica (pela codificação das atividades), é genética (pela acumulação do tempo), é combinatória (pela composição das forças)” (FOUCAULT, 2007, p. 141). Esse poder disciplinar combina forças e as multiplica, agindo de forma a “adestrar” o corpo e o sujeito. Ao fabricar o indivíduo, a disciplina o coloca tanto como objeto quanto como instrumento de seu exercício (FOUCAULT, 2007). Ela se exerce por meio de um mecanismo que possui um “jogo do olhar”, um aparelho de observação do indivíduo, assim como de registro e treinamento (FOUCAULT, 2007).

Para Foucault (FOUCAULT, 2007, p. 148), o ato de vigiar é um fator importante de controle:

a disciplina faz “funcionar” um poder relacional que se auto-sustenta por seus próprios mecanismos e substitui o brilho das manifestações pelo jogo ininterrupto dos olhares calculados. Graças às técnicas de vigilância, a “física” do poder, o domínio sobre o corpo se efetua segundo as leis da ótica e da mecânica, segundo um jogo de espaços, de linhas, de telas, de feixes, de graus, e sem recurso, pelo menos

em princípio, ao excesso, à força, à violência.

Assim, a punição não se dá pela força, mas pelo olhar, o qual, na sociedade moderna, vale-se também da mídia e recai sobre o corpo do sujeito. Tudo o que foge ao adequado, ao classificado pela disciplina como sendo o “normal”, é penalizado pela inobservância (FOUCAULT, 2007). A punição atua de forma a reduzir os desvios. A classificação e a hierarquização castigam e recompensam: “a disciplina recompensa unicamente pelo jogo das promoções que permitem hierarquias e lugares; pune rebaixando e degradando” (FOUCAULT, 2007, p. 151). Caracteriza-se dessa forma uma punição que não tem em si a função de reprimir, uma vez que é ela mesma uma das formas de controle da disciplina.

O controle disciplinar, na medida em que compara, aponta diferenças, hierarquiza, homogeneiza e aplica a questão da norma. A regulamentação obriga a homogeneização e, ao mesmo, tempo individualiza e mede os desvios, revela as diferenças e as ajusta (FOUCAULT, 2007). O indivíduo se torna, desse modo, um objeto fabricado.

Considerando as regras de formação de um saber sobre o corpo, legitimadas pelo dispositivo de poder descrito, a análise que segue interroga o modo como, nos enunciados das capas, ocorre o investimento do poder sobre o corpo, bem como o funcionamento do discurso científico na produção de corpos fabricados.

O discurso científico em enunciados midiáticos sobre o corpo

Como já adiantado, para delinear algumas possibilidades de respostas a tais questionamentos, retomo parte das análises realizadas por Lachi (2010), em sua dissertação de mestrado, mas especificamente, trago para este momento dois enunciados materializados no gênero discursivo capa de revista. O primeiro encontra-se na capa da revista *Veja*, edição 2139, de 18 de novembro de 2009, e o segundo, também dessa mesma

revista, está na edição 1792, de 05 de março de 2003.

Não somente retomo tal pesquisa, como empreendo, para os fins deste artigo, uma análise que se movimenta entre descrição da formulação enunciativa, considerando-se tanto o nível linguístico quanto o imagético, e interpretação do exercício do poder sobre o corpo vinculado aos enunciados.



Esse movimento analítico inicia-se com a formulação do enunciado da edição 2139. Ocupando praticamente toda a página, parte de um corpo nu feminino é visto em uma posição quase fetal, com uma perna dobrada em direção ao peito e outra estendida. A imagem mostra um braço escondido pelo corpo e outro abraçando a perna dobrada, mas é possível ver apenas do meio das costas até o meio da coxa da perna estendida. Os joelhos ficam de fora da imagem, e mesmo aquele que está mais próximo do peito, abraçado, foi recortado; dos pés, apenas uma parte é revelada, o calcanhar.

Esse corpo é disposto contra um fundo branco e é quadriculado por linhas cinza claro. A pele clara se apaga com a luz, ganhando quase a mesma cor branca do fundo; em contraste, as zonas sombreadas escondem a parte frontal do torço e a interna

das pernas. No rodapé da página, a imagem do corpo se apaga sutilmente, uma transparência que revela o fundo. Sobre esse corpo, traços e linhas pretas configuram as formas e os ângulos. Os traços e as linhas quadriculados transportam o corpo para o planejamento, uma planta esboçada e desenhada, um corpo que é transformado em material para ser planejado e engendrado, calculado – um corpo em duas dimensões. Esse posicionamento dá visibilidade ao funcionamento da disciplina, que, para Revel (2005, p. 35), “exerce um esquadrinhamento sistemático do tempo, do espaço e do movimento dos indivíduos”.

No topo da página, o título da revista se sobrepõe à imagem, mas sem apagá-la totalmente. Abaixo, no centro da página e sobre a curvatura do quadril articulado e das curvas dos traços da planta, o título da reportagem principal da edição, *Corpo*, sobrepõe-se em letras em caixa alta, escritas com traços finos e arredondados, tomando toda a largura da página, em cor de pele mais acentuada que a imagem. O título, formado uma palavra, se entrelaça com a imagem, ao mesmo tempo em que a sobrepõe, como estampado, tatuado sobre a pele do sujeito, como se o nome do objeto fosse uma de suas partes.

Abaixo, o subtítulo se destaca em letras em caixa maiúsculas vermelhas, feitas de traços não tão finos como as do título: *o novo manual de uso*, a respeito do qual cabe fazer algumas observações quanto aos saberes relacionados:

(1) a ideia de *novo* faz ecoar a de *velho*, isto é, saberes sobre o corpo, produzidos em outras épocas e revisitados, questionados e/ou abandonados na contemporaneidade. Antecedido do pronome definido *o*, instaura um acontecimento discursivo que tem relação com outros acontecimentos, de ordem histórica, econômica e biológica, os quais se constituem a partir do exercício de uma biopolítica.

(2) em vista disso, para que esse o poder funcione no nível da disciplinarização dos corpos, mas sem o efeito da obrigação, o saber se materializa na forma de *manual*, o que implica uma forma de governo do corpo do outro, por meio de um conjunto de

instruções e de práticas que se supõem “corretas”. Embora a reportagem na íntegra não integre esta análise, vale pontuar que os enunciados que a compõem têm um efeito de valor de verdade, em virtude do discurso científico que os sustenta.

(3) por último, o complemento nominal *de uso* atualiza um saber sobre o corpo, segundo o qual ele é um maquinário, um equipamento, enfim, um conjunto de peças e de funções para atender a certas finalidades

Em síntese, as condições históricas de emergência da formulação *o novo manual de uso*, assim como o que legitima sua circulação na mídia, encontram-se filiadas a uma história das formas de disciplinarização dos corpos, cujo dispositivo compreende determinadas técnicas corporais, advindas de saberes sobre como utilizar o corpo de forma eficiente.

Abaixo do subtítulo, seguem as chamadas, em forma de dois tópicos, que explicam o título e o subtítulo e antecipam o que será tratado na reportagem: *80% da saúde e longevidade dependem apenas de quanto a pessoa conhece o seu organismo. Teste: em 50 questões, descubra se você é um estranho para você mesmo*

A delimitação do corpo ocorre não apenas pelas linhas que o quadriculam, pelos traços que o modelam e engendram, pelo recorte da página, mas também pelos números e porcentagens, que se refletem tanto sobre o corpo quanto sobre a subjetividade (*80% da saúde.../50 questões*). Por meio de um teste com apenas 50 questões, espera-se desse sujeito que seja capaz de encontrar um saber sobre si, a sua delimitação e seu contraste com o outro (... *um estranho para você mesmo*), conhecimento esse que é fundamental para a sua sobrevivência (pois *80% da saúde e longevidade dependem apenas de quanto a pessoa conhece o seu organismo*). O quanto o sujeito sabe sobre o seu corpo determinará o quanto viverá e a manifestação ou não de doenças. É possível observar novamente aqui o funcionamento do biopoder, que, ao individualizar um tipo de corpo, busca atingir o corpo da população, com a finalidade de gerir e manter a vida, funcionamento esse que se apresenta nas sequências enunciativas que tratam da busca por uma vida saudável e da longevidade.

Nesse enunciado, o tipo de corpo que é iluminado pelo poder é um corpo recortado pelo saber científico, de cujo sujeito é apagado. Como analisa Lachi (2010), é o corpo máquina, possível de controle e de moldagem, e que é posto de tal forma para que seja útil. Não é um corpo sexuado ou sensual. Apesar de nu, não há um apelo sexual, nem sensualidade – as zonas que definiriam esses fatores estão ocultas pelos jogos de sombra da imagem. O peito é escondido pelos braços e pela perna; o corpo mostrado de lado não revela a sua possível genitália. Pela ausência de pelos e pelo contorno arredondado dos membros, observa-se que é um provável corpo feminino. Mas essa identificação não é posta às claras. A nudez parece não ter outra função, a não ser a de mostrar o esboço e as funções desse corpo. Parece-me oportuno acrescentar que a ausência de uma vontade de saber sobre a sexualidade (FOUCAULT, 1988), no enunciado, abre espaço para o atravessamento de outro saber sobre o corpo, o qual não considera o desejo ou a reprodução, mas as formas de controle que podem produzir um corpo supostamente sadio.



O enunciado da capa de *Veja*, edição 1792, focaliza, parcialmente, um corpo contra um fundo preto, que ocupa quase toda a

página. No canto superior direito, o título da revista paira acima de tudo com letras verdes claro e contornos brancos, destacando-se daquilo que sobrepõe. Abaixo, ainda alinhado ao canto direito, mas dessa vez centralizando a página, título e subtítulo da reportagem principal da edição.

Trata-se de um corpo malhado, com contornos definidos, que ficam nítidos pelas cores e pelos jogos de luz e sombra. O gesto descritivo feito por Lachi, dos elementos imagéticos do enunciado, dá visibilidade à posição do corpo que remete o leitor a um tipo de técnica corporal voltada para a prática de exercícios: uma perna se estende reta (perna essa que se esconde e se confunde com o segundo plano), enquanto a outra parece indicar um movimento, com o joelho dobrado e levantado, formando um ângulo de noventa graus com o tronco. Como as pernas estão posicionadas lateralmente, o quadril se contorce e é apresentado em posição frontal, seguido pelo tronco e peito, que fazem uma leve inclinação lateral em direção à perna dobrada. Os braços se projetam para fora da imagem, estando o direito, assim como a primeira perna, mesclado com a escuridão do plano de fundo, além de ser mostrado apenas até um pouco além dos ombros. O braço esquerdo, do qual se mostra até um pouco além do cotovelo que se articula em noventa graus, forma uma linha com os ombros e o tronco, acentuando a inclinação lateral. Nem mãos nem pés são mostrados, da perna dobrada, tem-se apenas um breve vislumbre da meia branca. O que se foca aqui é um corpo composto por fibras e músculos, postos em posição de movimento, ou seja, um corpo de *performance*.

Ainda nesse gesto de descrição imagética, a autora chama a atenção para as cores do corpo em contraste com o fundo escuro. Na pele dourada que revela a saúde do corpo, os músculos se sobressaem e se tornam mais evidentes por meio das sombras, músculos esses que não estão em posição de descanso, mas flexionados, postos em trabalho. O suor banha a pele, e as gotículas brilham contra o dourado e o escuro do fundo, realçando ainda mais as formas e contornos musculares. A roupa se restringe a um *microshorts* cavado e um top, ambos em malha cinza claro (tecido

próprio para a prática esportiva e de condicionamento físico), manchadas pelo suor, que deixa o tecido em tonalidade mais escura. Apesar de pouco cobrir o corpo, as roupas não são reveladoras, uma vez que mostram a barriga e as pernas, mas não os seios. Embora justa, essa vestimenta permite o movimento, sem apelo à sensualidade. Não apenas a roupa cobre as regiões dos seios e do quadril, mas a própria perna dobrada lateralmente permite que se esconda a região da pélvis.

Em vista disso, assim como no enunciado anteriormente analisado, nesse a sexualidade não é o dispositivo que assegura o processo de subjetivação do sujeito, via corpo. Como se pode observar, é um corpo de mulher, porém não é *sexy* ou sensual. Até mesmo os cabelos (símbolos da feminilidade) são deixados à parte, presos e desalinhados, com os fios molhados e caindo sobre o ombro esquerdo, grudados na pele suada. Se os contornos do corpo são relevados (como se observa na região da cintura), é com esse propósito, e não o de seduzir.

Em termos de interpretação ² dessa formulação, o que se pode agregar à análise de Lachi, tendo em vista a relação entre discurso, poder e corpo, estabelecida neste artigo, é o fato de que o processo de subjetivação do sujeito, por meio do corpo, se dá no interior e a partir de elementos oriundos do dispositivo disciplinar.

A respeito desse dispositivo, Foucault analisa que a “mecânica do poder” define as formas de domínio sobre o corpo dos sujeitos, não somente para que estes façam o que se determina, mas que operem conforme estipulado, valendo-se das técnicas que fabricam “corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’”. Na formulação imagética do enunciado em tela, tal dispositivo e suas respectivas técnicas parecem delinear “uma arte do corpo humano” (FOUCAULT, 2007, p. 133).

Sobre isso, a análise de Lachi confirma o exposto: o recorte do rosto que aparece

² Não obstante, na estrutura argumentativa deste artigo, o gesto de descrição apareça separado do interpretativo, não se pode perder de vista que se trata de um “batimento”, nos termos expostos por Pêcheux (1997).

apresenta uma boca contraída (da mesma forma que os outros músculos do corpo), mostrando uma técnica corporal da respiração. Embora seja um corpo feminino, todos os traços da feminilidade são apagados, escondidos, mesclados com a escuridão do plano de fundo. É um sujeito cujo foco está na sua constituição muscular. A imagem do corpo se restringe apenas ao segundo plano, pois, ao primeiro, são reservados os enunciados verbais, que se sobrepõem à imagem sem se mesclar a ela. Em letras brancas e em caixa alta, o título da reportagem se divide em duas linhas: *os limites/ do corpo*. Logo abaixo, o subtítulo, cuja segunda parte (que se segue aos dois pontos) atua como uma explicação da primeira:

- *Não é só suor: a genética também determina os resultados da malhação*

Se a imagem representa um corpo contorcido e contraído pelo movimento (a *malhação*, relatada na parte verbal do enunciado), o verbal expõe outro lado desses contornos: apenas o condicionamento físico não basta para se conseguir um corpo bem torneado. Em *não é só suor*, suor passa a equivaler à musculação. Por extensão, aquele que se sujeita a essa técnicas disciplinadora poderá desenvolver um corpo com músculos bem torneados e uma brilhante e saudável pele dourada. Ainda mediante esse dispositivo, esse tipo de investimento sobre o corpo implica produtividade.

Em relação ao léxico presente no enunciado, Lachi destaca a palavra *determina* relacionada à genética, o que dá visibilidade a um campo associativo, segundo o qual os resultados do condicionamento físico são muito mais constituídos pela genética do que pela atividade em si. Trata-se de saberes advindos do campo da genética e do *fitness*, que se sobrepõem ao sujeito, produzindo uma subjetivação que passa pela disciplina do corpo.

Determina ainda está conectado ao próprio título da reportagem, *Limites do corpo*. Observa-se que essa parte do enunciado se distribui em duas linhas, sendo dividido por um traço que atinge os limites da borda da

página. Em verde claro, assume a mesma cor do título da revista. Essa disposição do verbal produz dois efeitos: o traço tanto divide o enunciado quanto oferece um suporte no qual o título se ancora. Assim, tem-se o limite expresso pelo verbal também por meio do símbolo, pois o traço não só representa o próprio limite, quanto oferece um suporte no qual o enunciado verbal se ancora na organização da página. *Limite* e *determina* se ligam na medida em que colocam parâmetros para o corpo, o que pode ou não se alcançado, além da forma em que isso pode ocorrer, por meio da musculação e de acordo com os paradigmas dos saberes sobre o corpo, provindos da genética, que revela o corpo que está além do olhar, um corpo codificado, que não é mais apenas individual, está na espécie.

Esse saber ganha estatuto de verdade, por ser proveniente do campo científico, e conduz o sujeito a uma posição em que, para que seu corpo seja útil e a vida se mantenha, ele deve atender às normas estipuladas pelo saber da medicina genética. Para Lachi, isso pesa ainda mais na questão da verdade, passando a assumir um lugar autorizado (discurso esse que é materializado na mídia em forma de reportagem) de enunciação e de discursivização.

Considerações finais

A tese segundo a qual o poder se exerce de forma micro permite, do ponto de vista de uma análise de discursos arqueologicamente dirigida, refletir sobre o poder como algo que está inserido nas relações cotidianas; essa tese autoriza considerar, também, que esse micropoder atravessa e organiza os discursos sobre o sujeito e seu corpo. Em termos discursivos, importa analisar o modo como esse poder se atualiza e produz saberes; para tanto, um dos caminhos possíveis é descrever e interpretar o funcionamento das técnicas de poder que, via tecido textual, produzem não somente um tipo de corpo, mas também identidades midiáticas que reivindicam, para si, determinado corpo e não outro.

Como analisa Foucault (1995), onde há poder, há resistência. Assim,

concomitantemente à análise dos efeitos de poder que circulam entre os enunciados da mídia sobre o corpo disciplinado, seria necessário empreender análises da resistência ao dispositivo de poder descrito.

A esse respeito, mais que esboçar percursos de análise, nestas últimas linhas levanto alguns questionamentos, tais como: há um discurso de resistência em relação à circulação dessa imagem idealizada de corpo? É possível fazer resistência aos dispositivos de subjetivação que asseguram e fazem funcionar as técnicas disciplinadoras? Qual seria o estatuto dessas discursividades de resistência e em que suportes textuais elas poderiam circular?

Referências

DELEUZE, G. ¿Que és un dispositivo? In: **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990, p. 155-161.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Petrópolis: Vozes; Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1972.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque, J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. Dois ensaios sobre o sujeito e o poder. In: DREUFUS H; HABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 26 ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

_____. **Estratégia, poder-saber/ Michel Foucault**. Coleção Ditos & Escritos IV. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2006, p. 253-266.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 35 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LACHI, P. da S. **Um corpo de sentidos: discurso, subjetividade e mídia**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, 2010.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni P. Orlandi, 2.ed., Campinas: Pontes, 1997.

REVEL, Judith. **Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

Recebido em: 19 de abril de 2013

Aceito em: 24 de junho de 2013.